

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. *O teatro romano e as comédias de Plauto*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

DUPONT, Florence. *Le théâtre latin*. Paris: Arman Colin, 1988.

ERNOUT, Alfred. *Plaute (Tome I)*. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

FERREIRA, Antônio Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto Editora, 1998.

GAILLARD, Jacques. *Introdução à literatura: Das Origens à Apuleio*. Rio de Janeiro: Inquérito, s/d.

GRENIER, Albert. *Le génie romain dans la religion, la pensée e l'art*. Paris: Albin Michel, 1969.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Rome e la Grèce au II^e siècle Av. J.-C. (In Rome et Nous)*. Paris: Picard, 1977.

_____. *La civilisation romaine*. Paris: Arthaud, 1968.

NETO, Serafim da Silva. *Pontos de literatura*. São Paulo: Nacional, 1945.

PAIVA, Edna Ribeiro de. *Anfitrião – mito e paródia: Visão plautina de Guilherme de Figueiredo* (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

PETITMANGIN, H. *Histoire sommaire illustrée de la littérature latine*. Paris: J. de Gigord, 1946.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 1989.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto, Gráficos Reunidos, s/d.

TOUCHARD, Pierre Aimé. *Dionísio, apologia do teatro*. São Paulo: Cultrix (USP), 1978.

VIANA, Joaquim José Cracel. *O humorismo latino*. Braga: Appacdm, 1994.

OS HELENISMOS NAS BUCÓLICAS, DE VIRGÍLIO

Prof. Me. Márcio Luís Moitinha Ribeiro
(UERJ, SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE NITERÓI)

Resumo:

Os primeiros escritores romanos evitavam colocar, em seus textos, vocábulos de origem grega, como Lívio Andronico, por exemplo, que substitui a musa de Homero pela “camena latina”. Entrementes, os vocábulos gregos foram admitidos, em Roma, na língua das profissões, das ciências, das artes romanas e nos poemas da época de Augusto.

Nas *Bucólicas*, de Virgílio, encontramos muitas palavras gregas as quais agrupamos em topônimos, em antropônimos e em nomes comuns como os de plantas, de objetos e de animais.

Palavras-chave: Bucólicas, Vergílio, Helenismos, topônimos.

J. Marouzeau, em seu livro, *Traité de Stylistique Latine*, nos ensina que entre os primeiros escritores, havia uma repugnância em escrever textos latinos com palavras de origem grega. Lívio Andronico substitui, por exemplo, a musa de Homero pela “camena” latina. Vejamos:

“Mais c’est essentiellement au grec que s’appliquent les proscriptions des puristes, comme lê

dit expressément Quintilien (1,5, 58). Vis-à-vis du grec, le scrupule de purisme apparaît dès les premiers écrivains; il est notable chez Livius Andronicus et chez Ennius, pourtant écrivains de langue grecque. Livius Andronicus, dans le premier vers de son *Odyssée*, se plaît à remplacer la *Musa* d’Homère par la *Camena* latine: Virum mihi, Camena, insere uersutum”

Digna de nota, também, é a afirmação de Marouzeau sobre os vocábulos gregos que se fizeram admitir na língua das profissões, das ciências e das artes romanas para designar objetos de civilização e elementos de cultura adotados:

“C’est que d’abord les mots grecs se sont introduits en dehors du domaine de la littérature; ils se sont fait admettre dans la langue des métiers, des sciences, des arts, pour désigner des objets de civilisation et des éléments de culture adoptés; de ce type sont les emprunts les plus anciens: machina, techna, spata, ancora, (...) la très grande majorité des emprunts grecs catalogués dans les ouvrages spéciaux font partie du vocabulaire des sciences et des arts.”

Virgílio, entretanto, utiliza muitos helenismos nas *Bucólicas*. Como afirma Ruth Junqueira de Faria, são numerosos os nomes gregos referentes a figuras mitológicas, a heróis e a personagens lendárias. Destacaremos alguns versos nos quais se verifica a presença de vocábulos de origem grega, agrupando-os em topônimos, antropônimos e nomes comuns.

Na primeira bucólica, versos 64-6, encontramos um exemplo de topônimo grego que é o vocábulo *Scythia* (*Scythiam*):

MELIBOEVS

At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,
pars Scythiam et rapidum cretae uenimus Oaxen
et penitus toto diuisis orbe Britannos. (I, 64-6)

MELIBEU

“Mas nós iremos deste lugar uns aos sequiosos africanos,
uma parte de nós irá para a Cítia e chegaremos ao rápido Oaxes de greda

e

aos bretões totalmente separados de todo o mundo”.

Há muitos outros topônimos que podemos encontrar nos versos de Virgílio, tais como: *Rhodope* (VI,30) e *Ismarus* (VI,30), nomes de montanhas da Trácia, *Tmaros* (VIII,44), de uma montanha do Epiro, *Parnasus* (*Parnasi*) (X,11), de um monte da Fócida. Numerosos adjetivos derivados de topônimos gregos permeiam os versos das *Bucólicas*. É o caso de *Hyblaeus* (*Hyblaeis*) (I,54), hibleu, natural do Hibla (*Hybla*); *Syracosius* (*Syracosio*) (VI,1), siracusano, natural de Siracusa (*Syracusae*), *Aonus* (*Aonas*) (VI,65), aônio; *Gryneus* (*Grynei*) (VI,72), de Grínia (*Grynía*), ou Grínio (*Gryníus*), cidade da Etólia; *Maenalius* (*Maenalios*) (VIII, 46), do Mênalo (*Maenalos*), monte da Arcádia, consagrado a Pã; *Chaonius* (*Chaonias*) (IX,13), da Caônia.

Nas *Bucólicas*, há alguns antropônimos gregos, designativos de divindades. No caso de Apolo, Virgílio não tinha outra alternativa de nome, já que não havia uma forma latina para designar essa divindade. Portanto, os três nomes usados por Virgílio, para referir-se ao deus, eram de origem grega (*Apollo*<*Apollon*; *Phoebus*< *Phoebos*; *Cynthius*< *Cynthios*).

Apollo pode ser encontrado em VI,73 e X,21. Ele é uma divindade que freqüentemente aparece nas *Bucólicas*, como o deus protetor dos rebanhos e das pastagens. Às vezes, Virgílio utiliza a forma *Phoebus* como na bucólica III, 62, ou na V,9. Já o termo *Cynthius* (VI,3), aparece mais raramente, sendo uma forma de mostrar o local de nascimento de Apolo e de constituir outra maneira de o poeta aludir a esta divindade.

O nome do deus grego *Bacchus* aparece em V,30 e 79; a divindade itálica

Liber a ele identificada, encontra-se em VII,58; e *Iacchus* (Iaco) em VI,15 e VII,61.

Percebemos a preferência de Virgílio por *Pan* (Pã), presente em II,31, 32 e 33< aos deuses latinos *Faunus* ou *Siluanus*, nomes de divindades arcádicas, protetoras dos pastores.

Siluanus foi mencionado por Virgílio, consoante a nossa pesquisa, uma única vez na décima bucólica, verso 24.

Outras divindades, citadas por seus nomes gregos são as *Dryades puellae* (*Dryadas puellas*) (V,59), jovens ninfas dos bosques, e as *Hamadryades*, patentes na décima bucólica, verso 62. Também aparece a ninfa *Arethusa* na décima bucólica, no verso 1.

Podemos destacar os nomes gregos de heróis e personagens lendários, ligados à mitologia, que são numerosos, nas *Bucólicas*. Eis alguns exemplos: *Achilles* (IV,36), herói grego da Ilíada; *Paris* (II,61), herói troiano, filho de Príamo e responsável pela guerra de Tróia, por causa do rapto de Helena; *Daphnis* (V,20), criador da poesia bucólica; *Orpheus* (III,46), célebre cantor, músico e poeta; também tocador de lira e de cítara. Virgílio, por vezes, usa a forma latina como é o caso de *Ulixes* (VIII,70); sua forma grega é *Odisseus*, herói grego lendário, rei de Ítaca, celebrado na *Odisséia* homérica.

Em alguns momentos Virgílio emprega os nomes de divindades para referir-se não a elas, mas a alguns de seus atributos. Destacamos dois exemplos, com comentários, que se encontram nas bucólicas, terceira e quinta, respectivamente:

DAMOETAS

Parta meae Veneri sunt munera (III, 68)

DAMETAS

“Presentes para a minha Vênus foram preparados”

A deusa *Venus*, nesta passagem selecionada acima, traduz o objeto do amor do pastor, isto é, Galatéia. É um caso de metáfora.

O segundo exemplo se encontra em V,69:

et multo in primis hilarans conuiuia Baccho, (V, 69)

“e sobretudo alegrando os banquetes com muito vinho,”

Percebemos pela tradução que *Baccho* significa vinho e não o deus. Neste caso, encontramos uma metonímia.

Os nomes próprios de pastores também aparecem como exemplo de antropônimos gregos. Destacaremos, a seguir, os principais: *Meliboeus* (*Meliboe*) (I,6), *Tytirus* (*Tytire*) (I,13; VI,4), *Corydon* (II,1), *Alexis* (*Alexim*) (II,1) *Menalcas* (*Menalcan*) (II,15), *Amphion* (II,24), *Daphnis* (*Daphnim*) (II,26), *Amyntas* (II,39), *Damoetas* (*Damoeta*) (II,1), *Aegon* (III,2), *Damon* (III,23), *Alcimedon* (*Alcimedontis*) (III,37), *Palaemon* (III,50), *Iolla* (III,76), (*Stimichon*) (V,55), *Thyrsis* (VII,2),

Alphesiboeus (*Alphesiboei*) (VIII,5), *Moeris* (*Moeri*) (IX,1) e *Lycidas* (*Lycida*) (IX,2).

Quanto aos nomes de pastoras, aparecem *Amaryllis* (I,30), *Galatea* (I,30), *Thestylis* (II,10), *Phyllis* (*Phyllida*) (III,76; VII,14), *Alcippe* (*Alcippen*) (VII,14), *Delia* (VII,29) e *Nysa* (*Nysae*) (VIII,18).

No que concerne aos nomes comuns gregos, destacamos um exemplo na quarta *bucólica*, no verso 45. Virgílio usa a palavra *sándyx*, do grego *savndux*?, que quer dizer vermelho escarlate:

“sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos.”
“espontaneamente, o escarlate vestirá os cordeiros que pastam.”

Existem muitos outros nomes gregos comuns como os de plantas, de objetos e de animais. Veremos, a seguir, alguns exemplos de plantas: *corylus* (*corylos*) (I,14), *cytisum* (I,78), *corymbus* (*corymbos*) (III,39), *acanthus* (*acantho*) (III,45), *hyacinthus* (III,63), *thiasus* (*thiasos*) (V,30), *myrica* (*myricae*) (VI,10). Com nomes de objetos, há, entre tantos exemplos, os vocábulos *calamus* (*calamos*) (II,32), *calathus* (*calathis*) (II,46), *fistula* (III,25), *harundo* (VI,10). Com nomes de objetos, há, entre tantos exemplos, os vocábulos *calamus* (*calamos*) (II,32), *calathus* (*calathis*) (II,46), *fistula* (III,25), *harundo* (VI,10). Com nomes de objetos, há, entre tantos exemplos, os vocábulos *calamus* (*calamos*) (II,32), *calathus* (*calathis*) (II,46), *fistula* (III,25), *harundo*.

Bibliografia

- ARAÚJO, Cecília Lopes de Albuquerque. *A poesia Bucólica em Nemesiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.
- LESKY, Albin. *História de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A.
- LIDDELL & SCOTT. *Greek – English Lexicon. New Edition revised by Jones*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. Revue des Études Latines. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1993.
- MAROUZEAU, J. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1946.

DIONISO VERSUS PENTEU

Prof. Tatiana Bernacci Sanchez (UERJ)

Resumo:

As *Bacantes* de Eurípides, tragédia grega da Antiguidade, abordam a chegada de Dioniso a Tebas, concentrando-se em algumas de suas conseqüências – além de abarcar relevantes informações sobre o dionisismo. Dentre tantos aspectos, ressaltaremos a relação entre o deus e o rei.

Palavras-chave: tragédia.

A tragédia de Eurípides, *As Bacantes*, ganhadora do primeiro prêmio nas Dionísias Urbanas, traz notícia de uma das religiões não-oficiais da Grécia Antiga, o dionisismo, cujos princípios vão de encontro, em parte, aos postulados pela religião oficial, a apolínea.

No drama desenvolvido por Eurípides, Dioniso retorna a Tebas, sua “cidade natal”, travestido de humano, de seu sacerdote e, como sempre, é um estrangeiro, um *xevno*”, que chega de forma epidêmica, trazendo desordem. É um deus a céu aberto. O termo “epidemia” tem caráter religioso, como o deus que chega e toma a cidade. Também Apolo e Ártemis o são, mas estes têm uma organização para o serem. Dioniso não. Ele toma outra forma, chega a qualquer lugar, a qualquer momento sempre com risco de não ser reconhecido. Sua chegada epidêmica causa distúrbios!

Marcel Detienne nos traz a idéia de “Estrangeiro do Interior” – por que “do interior”? Podemos considerar aqui dois aspectos:

1. Do interior em termos de Hélade, ou seja, que ele não seria um deus estrangeiro, e sim proveniente de Creta. Para tal teoria, recorremos a Eudoro de Souza. Além de ter sido esta a primeira morada de Zeus, lá também Zagreu, o primeiro Dioniso, teria sofrido o sacrifício. Bem representado pelo rei Penteu, da peça em questão, está o pensamento segundo o qual Dioniso seria uma divindade (ou nem isso) inferior e bárbara. Por trás de tal discurso, encontra-se o juízo de valor que nega as características dionisíacas, tão inerentes à natureza humana (ser natural, instintivo e irracional). De acordo com tal hipótese, o mito dionisíaco teria origem minóica. Já adiantamos uma característica que será retomada mais adiante: na sociedade minóica, a divindade feminina era predominante.

2. Em segundo lugar, temos por hipótese que Detienne utilize a expressão “Estrangeiro do Interior” para referir-se ao aspecto fisiológico, ou seja, Dioniso está contido todo ele em seu coração – único órgão que sobreviveu ao ataque titânico. O coração é uma *mênade* interior, que não cessa de palpitar, pois está num momento de êxtase. Citado por Detienne, Aristóteles afirma que o coração tem autonomia, “privilégio que partilha em plena fraternidade dionisíaca com o órgão